

Helena Carreiras

Ministra da Defesa Nacional

**Intervenção da Ministra da Defesa Nacional, Helena Carreiras, por ocasião
do V Seminário de Defesa Nacional**

Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, 22 de novembro de 2023

É com grande satisfação que regresso ao IDN para a **quinta edição do Seminário de Defesa Nacional**. Este evento anual tem como objetivo **fomentar o debate no seio da comunidade de Defesa**, e, ao mesmo tempo, **reforçar laços com a sociedade civil**. Desde a sua criação em 2019, o Seminário tem reunido os principais atores da política de Defesa Nacional e parceiros internacionais, num **espaço de reflexão aprofundada sobre as políticas de defesa e os seus contextos**.

Nestas cinco edições os temas tratados têm sido diversos, mas complementares. Abordámos as **relações entre as Forças Armadas e a sociedade civil**, os desafios da **Ciberdefesa** e do **Espaço**, a **cooperação civil-militar**, o desenvolvimento da **Base Tecnológica e Industrial de Defesa**, os **conflitos híbridos** e as **grandes transformações** internacionais, bem como o **Conceito Estratégico de Defesa Nacional** e os **documentos estratégicos** das organizações a que pertencemos.

Após 5 anos, a lógica que subjaz à organização do Seminário de Defesa Nacional permanece válida: **fundamentar o desenvolvimento de políticas públicas num conhecimento abrangente e empírico sobre a realidade**. E esse objetivo só é possível se potenciado através de **debates abertos** entre os **atores da Defesa Nacional, decisores, especialistas e investigadores**.

Agradeço, por isso, a todas e todos os oradores, moderadores e participantes pela vossa presença e pelos importantes contributos que trazem hoje a este fórum. Deixo uma palavra de especial apreço ao Dr. António Vitorino, agradecendo-lhe por ter aceite o convite para fazer a intervenção de abertura e pelo valioso contributo que deu a esta área governativa na sua anterior qualidade de Ministro da Defesa Nacional. Infelizmente não poderei acompanhar a sua intervenção, pois terei de me ausentar

de seguida para participar num evento com o Senhor Primeiro-Ministro na Base Aérea em Ovar.

Agradeço igualmente ao Senhor Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas, General José Nunes da Fonseca, pela sua presença e participação neste dia de debate sobre resiliência.

Deixo ainda uma palavra de gratidão ao Instituto da Defesa Nacional, na pessoa da sua diretora, a Professora Doutora Isabel Ferreira Nunes, pelo imprescindível apoio na organização deste evento, em estreita colaboração com a Secretaria-Geral do Ministério da Defesa Nacional e com o meu Gabinete. Como já tem sido prática em anos anteriores, **as atas do Seminário serão publicadas pelo IDN, assegurando assim uma ampla disseminação do conteúdo dos nossos debates.**

Minhas senhoras e meus senhores,

A quinta edição do Seminário de Defesa Nacional realiza-se num contexto global extremamente complexo e imprevisível, marcado pela **guerra da Rússia contra a Ucrânia**, pela agudização da **conflitualidade no Médio Oriente**, pela crescente **instabilidade em África**, pelo agravamento das consequências das **alterações climáticas**, e pelo acentuar da **competição entre grandes potências**.

Deste contexto global irá, seguramente, emergir uma **nova ordem internacional** na qual será vital garantir a **resiliência das nossas sociedades, das nossas populações e das nossas infraestruturas críticas**, mas também, e não menos importante, dos nossos **valores**.

É sobre **este tema que iremos** refletir durante o dia, e sobre o qual gostaria de deixar brevíssimas notas.

O atual contexto de competição geopolítica é **transversal a várias áreas que afetam profundamente a resiliência dos Estados**. Elas incluem aspetos tão diversos como a disputa por **recursos naturais**, a corrida pela **inovação tecnológica**, ou o **desenvolvimento de capacidades militares**.

Por um lado, os recursos naturais – incluindo **recursos energéticos, minerais ou hídricos** – são reiteradamente alvo de disputas por parte de grandes potências pela sua **importância estratégica para o desenvolvimento económico, para a segurança energética, e mesmo para o reforço da influência a nível regional e global**.

Para além do seu papel no agravamento da conflitualidade, muitos destes recursos, designadamente os minerais e as terras raras, têm uma **importância vital para a área do desenvolvimento tecnológico e das indústrias de Defesa**, levando a que organizações como a União Europeia concebam planos e ferramentas para garantir a sua autonomia estratégica.

Por outro lado, os processos de **inovação tecnológica têm sido exponenciados** – em áreas como a inteligência artificial, os sistemas de armas autónomos, o 5G, as biotecnologias, as tecnologias quânticas, ou as capacidades ciber e espaciais. A corrida entre grandes e médias potências deve-se à enorme relevância destas áreas não só para benefícios económicos e sociais, mas também para garantir a superioridade tecnológica na área da Segurança e Defesa, em particular no âmbito do **desenvolvimento de capacidades militares de ponta**.

Nos últimos anos temos assistido a uma proliferação de iniciativas, no seio da União Europeia e da NATO, mas também ao nível nacional, que visam estimular a inovação tecnológica na área da Defesa [ontem mesmo tivemos ocasião de discutir este tema relativamente à inovação nas Forças Armadas Portuguesas]. Estas iniciativas incluem projetos de **desenvolvimento de capacidades** de defesa conjuntas; **aceleradores e centros de teste**; plataformas para fomentar e apoiar a **cooperação entre Estados-Membros e Aliados**; bem como programas de estímulo ao **desenvolvimento de uma Base Tecnológica e Industrial de Defesa**.

Mas temos também assistido ao recurso generalizado a táticas de **desinformação que contribuem frequentemente para corroer os nossos sistemas democráticos**, deteriorar a imagem de

organizações internacionais às quais pertencemos e, nalguns casos, a própria credibilidade das respetivas missões.

Nesse sentido, a **cooperação multilateral com parceiros que partilham os nossos valores, interesses e objetivos**, tais como a **União Europeia, a NATO ou as Nações Unidas**, desempenha, cada vez mais, um **papel central na garantia da nossa resiliência**.

Outros parceiros como a **Comunidade de Países de Língua Portuguesa** e a **Iniciativa 5+5 Defesa**, à qual Portugal preside ao longo deste ano de 2023, ou mesmo a **União Africana** devem ser igualmente considerados nesta equação.

Face aos desafios enunciados, e a tantos outros que seguramente serão aqui abordados, cabe-nos continuar a defender um

envolvimento maior da sociedade civil nos temas da Defesa Nacional, assim como continuar a pugnar pela **salvaguarda de uma ordem internacional** com base em regras. O contexto em que vivemos exige **mudanças significativas nas nossas políticas, nos nossos investimentos e capacidades, na nossa compreensão do novo ambiente estratégico, e no reforço de parcerias** com aqueles com quem partilhamos interesses e ideais.

Mas cabe-nos também continuar a perguntar: para além de um **investimento nas nossas Forças Armadas**, incluindo em recursos humanos e capacidades adequados, na **proteção de infraestruturas críticas**, ou no **aprofundamento das parcerias e sinergias entre atores civis e militares**, de que forma podemos assegurar a resiliência coletiva?

Estou certa de que os debates que se seguem contribuirão para pensar sobre essas **estratégias de resiliência**, face à crescente competição geopolítica global.

Termino agradecendo, uma vez mais, a vossa presença neste Seminário, e desejando-vos um dia de trabalho produtivo.

Muito obrigada.